



Viagens sustentáveis e turismo de base comunitária.

BRASIL ADENTRO	MUNDO AFORA	QUEM ESCREVE	POLÍTICAS DO BLOG	CONTATO	TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA
--------------------------------	-----------------------------	------------------------------	-----------------------------------	-------------------------	---

quinta-feira, 26 de novembro de 2015

O JONGO TAMANDARÉ DE GUARATINGUETÁ

"Saravá jongueiro velho,
que veio pra ensinar.
Que Deus dê a proteção
Pro jongueiro novo
Pro jongo não se acabar..."
(Jefinho Tamandaré)



Aqui nos meus pensamentos parecia estranho que eu escrevesse sobre minha experiência com o **Jongo Tamandaré** num *blog de viagem*. Se ainda fosse o jongo de alguma cidade turística ou num lugar famoso, eu ainda teria um motivo, mas **Guaratinguetá** não é assim tão conhecida, apesar de fazer parte da **Estrada Real** e de ser a terra natal do Frei Galvão, nosso único santo brasileiro. E pra complicar o evento ainda aconteceu num bairro periférico da cidade, longe dos olhares da grande mídia e totalmente organizado pela comunidade local. Pois é, mas justamente por essas características autênticas e pela intensidade do que vivi ali, que decidi escrever sobre minha experiência absolutamente visceral com essa comunidade. A noite que passei na companhia daqueles jongueiros ainda reverbera em minha mente e me fez ter certeza de que valeu a viagem até esse cantinho único no Vale do Paraíba.

É por imenso respeito e gratidão aos mestres jongueiros do presente e aos já passados, que resolvi compartilhar aqui tudo que vi, ouvi e senti na noite de 27 de junho, enquanto assistia encantada a festa que guarda essa preciosidade da nossa Cultura Popular: o **Jongo Tamandaré**.

Guaratinguetá e o Jongo Tamandaré

Não, nós não conhecemos a casa do Frei Galvão, nem o memorial do Frei Galvão, nem a igreja onde Frei Galvão rezou sua primeira missa. Nada disso. Fomos mesmo para um bairro afastado do centro de Guaratinguetá e logo recebidos por um policial tenso de arma na mão e com cara de poucos amigos. Sim, Tamandaré não é um bairro nobre e me pareceu até mesmo um pouco violento. Mas (e sem nenhuma surpresa) é essa comunidade simples e nitidamente com muitas carências materiais que sedia um dos mais tradicionais grupos de **Jongo** do país e que carrega em seu nome o orgulho de sua comunidade.

O QUE VOCÊ PROCURA?

PAÍSES VISITADOS

- Argentina
- Bolívia
- Brasil
- Chile
- Colômbia
- Cuba
- Espanha
- Malawi
- Marrocos
- Peru
- Portugal
- Suécia
- Uruguai
- Zimbábue

POST NOVO NO AR!

Córdoba, o centro da Al-andaluz



RECEBA NOSSAS

ATUALIZAÇÕES NO SEU EMAIL

CURTA NO FACEBOOK

SIGA NO INSTAGRAM

AS MAIS LIDAS DA SEMANA

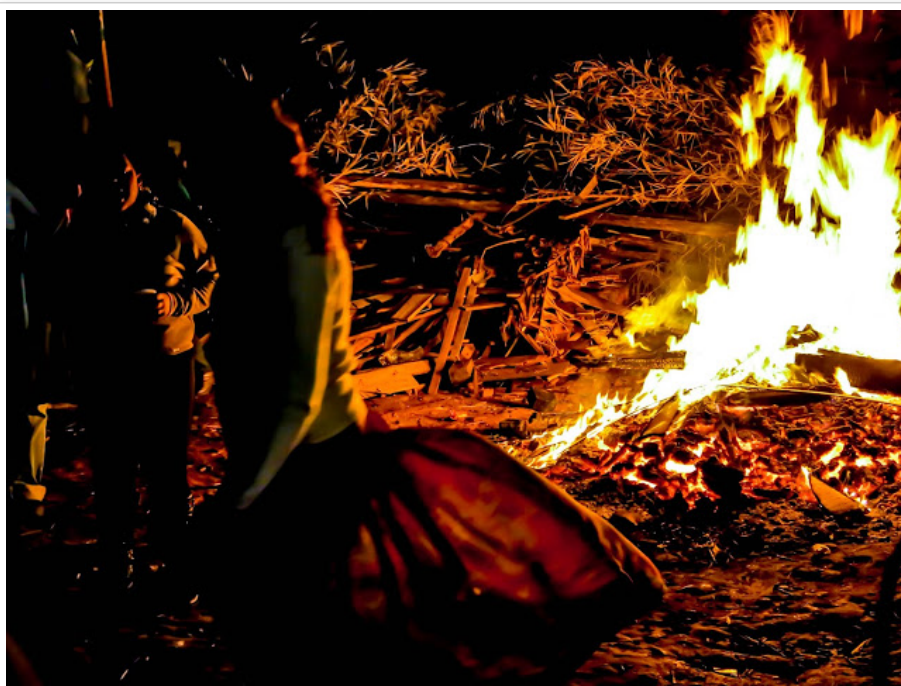


Trilha das 7
praias
desertas de
Ubatuba

Chegamos na cidade já quase de madrugada, vindos de **Cunha** onde efetivamente estávamos hospedados e fomos direto para o local da festa. Não foi difícil achar nosso destino, já que nas ruas todos caminhavam na mesma direção, justamente para o terreno baldio ao lado de um barranco, que seria palco do evento: a **Festa Junina do Jongo Tamandaré**.



Casal na roda de jongo



O Jongo

Apesar de aqui no Tamandaré a festa ser uma homenagem aos santos festeiros (Antônio, Pedro e Paulo), o festejo junino do Jongo é bem diferente do que estamos acostumados na tradição católica. Carregado de um forte significado religioso, o Jongo é de origem africana tendo sido trazido para o Brasil pelos escravos, principalmente do Reino do Congo (onde fica atualmente o território de Angola e República Democrática do Congo) da **etnia bantu** que tinham seus próprios deuses e crenças. Esses negros vinham trabalhar nas fazendas de cana-de-açúcar e de café do Vale do Paraíba, onde viviam em senzalas, tendo apenas sua dança e música como forma de se expressar. Não à toa, a palavra jongo significa *ponto de flecha, ou ponta de lança* em **kimbundu**, uma das línguas bantu, justamente porque eram nos **pontos do jongo** que eles podiam fazer suas crônicas e críticas e se defender da opressão a que eram submetidos sem que os senhores de engenho e seus capatazes o compreendessem. Provavelmente, o significado da manifestação foi ajustado às práticas católicas, o que aconteceu com toda cultura africana que se miscigenou com a cultura portuguesa como forma de sobreviver.



Centro Geodésico da América do Sul



A travessia entre dois mundos: o Estreito de Gibraltar



A Mágica Ilha das Couves de Ubatuba



Vila Rica de Ouro Preto

BLOG MEMBRO DA RBBV





Empoderamento negro: no Jongo tem!



Mas tradicionalmente, o Jongo é um jogo de adivinhação com pontos cantados em tom de mistério e magia com significados sagrados. A dança se origina na tradição da umbigada, onde homem e mulher fazem jogos circulares entre si no meio de uma roda alternando-se de forma harmônica e ritmada, sempre remetendo-se à fertilidade. Saber entrar e sair da roda de jongo é uma arte e é o que caracteriza um bom dançante de jongo. Aprendi a dançar de um jeito meio mambembe, vendo outras pessoas dançarem, mas foi depois da experiência em Tamandaré que tive a primeira aula *oficial* do ritmo, no fabuloso [Instituto Brincante](#) (centro de referência no estudo da Cultura Popular Brasileira) com a querida Roseane Almeida. Foi ela, junto com o *armorial* Antônio Nóbrega, que fez o documentário que compartilho abaixo. O tema geral do filme é a especialidade do casal: as **Danças Brasileiras**, mas postei apenas a parte que trata do Jongo por ser mais adequado ao tema desse post. O vídeo foi feito no [Jongo da Serrinha](#), no Rio de Janeiro e é importante ressaltar que são grandes as diferenças entre os dois grupos. O [Jongo Tamandaré](#) tem cantos próprios e até mesmo passos diferentes desses que assistimos aqui. Mas, em todo caso é uma boa introdução ao tema.



Mas o Jongo não é só a dança. Aliás, o coração dessa arte é mesma a música: tambores fortes, ritmo intenso, pontos e cantigas marcadas. Para os jongueiros, os tambores são sagrados e carregam toda a energia de seus ancestrais. Cada um que chega na roda de jongo, reverencia todos os tambores, tocando-os levemente com as mãos e fazendo o sinal da cruz, em outro curioso sincretismo religioso dessa cultura. Quem respeita a ancestralidade não entra na roda sem essa reverência.

Os tambores são artesanais e fabricados na própria comunidade, tendo sua afinação feito pelo calor, o que justifica a enorme fogueira que se forma sempre ao lado da roda. O tambor maior é chamado de **Caxambu** (aliás, muitos chamam o próprio ritmo de caxambu) e o tambor menor é o **Candongueiro**.



Afinação dos tambores no calor da fogueira
(dois caxambus nas pontas e dois candongueiros no meio)



Tambores

O Jongo Tamandaré

A fogueira, diga-se de passagem, reina soberana na festa. Enorme, quente e vibrante ela aquece o inverno no Vale do Paraíba e anima os jongueiros na roda que se forma ao seu lado. Ainda sinto esse calor dentro de mim e não sei dizer se pelo fogo, ou pela intensidade do que vivi ali naquela noite.



A imensa fogueira

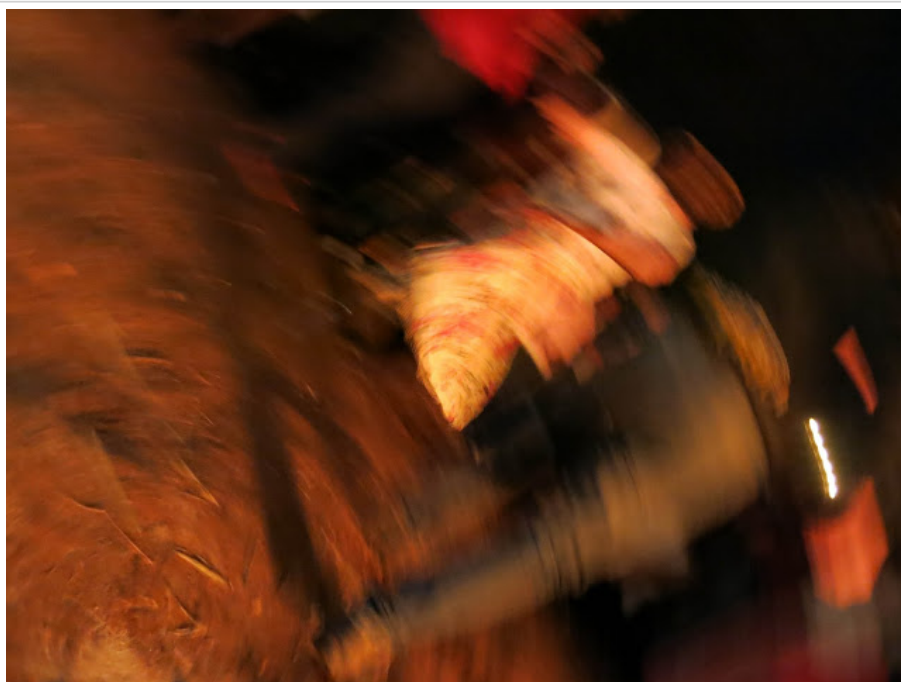
A festa começa com a reza para os santos festeiros, sempre organizada pelos herdeiros culturais de **Dona Mazé** e **Tia Fia** e só depois os jongueiros vão para terreiro. Enquanto isso, a enorme fogueira vai afinando os tambores até que os tocadores chegam e se armam para começar. Logo alguém traz uma garrafa de cachaça e derrama o líquido no chão, formando um círculo que demarca a roda. Essa é a forma de *saravá* (saudar) os ancestrais e delimitar o espaço onde as *entidades* podem atuar.

Logo alguém puxa o primeiro ponto:

*"Eu vou abrir meu Congo é
Eu vou abrir meu Congo á.
Primeiro eu peço a licença*

*pra rainha lá do mar
Pra saudar a povaria
Eu vou abrir meu Congo ê..."*

A partir daí, o que vivemos é inenarrável. Uma sucessão de pares que se alternam na roda com seus movimentos harmônicos e vigorosos, enquanto os cantadores puxam os pontos e os tambores vibram com intensidade. Não há intervalo, nem descanso. Em alguns momentos, os tocadores se revezam e os cantadores também, mas a toada é mantida sempre no mesmo ritmo incansavelmente, durante toda a madrugada. A expressão *cachueeeera* entoada pelo cantador é o sinal para que os tambores parem por breves instantes, apenas para logo um novo ponto começar, assim como a dança. O casal que termina o ponto dentro da roda, continua ali e inicia a nova *umbigada* agora com um detalhe: de acordo com a tradição, a mulher está mais fértil e poderá engravidar em breve. O som do tambor parece entrar não só pelos ouvidos, mas também pelos pés, pelo peito e pela alma.



Transe jogueiro

Os moradores da comunidade e líderes do Jongo se preocupam com cada detalhe e oferecem vários quitutes como quentão, cachorro-quente, milho-verde e a a deliciosa *canelinha*, que alimentam e dão energia para a longa noite de festejo. É lindo de ver desde velhinhos até crianças pequenas dançando e lutando pela preservação dessa tradição que se mantém quase inalterada há mais de cem anos ali naquele mesmo lugar.

Não consegui gravar a festa, mas encontrei vários vídeos no Youtube e escolhi esse que compartilho abaixo, que traz depoimentos importantes de antigos mestres que falam de sua arte.



Minha experiência em Tamandaré me deu a certeza de que o Jongo não é só uma dança, ou uma música; é, isso sim, uma experiência de entrega e quase transe, que eu não esquecerei jamais. Saravá *Dona Mazé* e Tia Fia. Saravá *Totonho* e *Togo*. Saravá *Jefinho*. Saravá à todos preto-velhos do Tamandaré. Saravá jogueiros novos. *Pro Jongo não se acabar*.

Informações Práticas

Quando?

O Jongo Tamandaré faz apresentações públicas eventuais ao longo do ano, mas a festa principal ocorre, em geral, nos finais de semana de **junho** de cada da ano.

Onde?

Guaratinguetá fica no Vale do Paraíba a 178 km de São Paulo. A reza se inicia sempre por volta das 21h na **Rua Tamandaré No. 661**, na casa das organizadoras do evento e depois todos seguem para o terreno baldio no número 605 da mesma rua, onde acontece a roda e o batuque.

Como saber as datas certas do evento?

Como a cada ano as datas mudam, certeza mesmo das datas da festa só temos entrando em contato direto com a **Associação Quilombolas do Tamandaré**, cujo fundador é um dos mais ativos jongueiros da atualidade, o Jefinho Tamandaré.

Mais informações na Fanpage do grupo no Facebook, nesse [link](#)

*Tive grandes dificuldades para fotografar o evento. Em partes, por estar com uma câmera simples e sem grandes recursos, mas em maior parte por estar completamente envolvida com a festa e sem conseguir concentração para mais nada além de admirar aquilo tudo.

Mais sobre Festas Juninas:

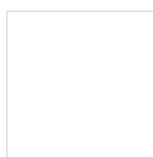
[Arraiá do Chi Pul Pul, em São Luiz do Paraitinga](#)

[O Jongo Tamandaré em Guaratinguetá](#)

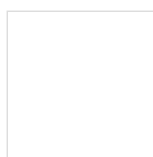
[São João no Maranhão](#)

Que tal continuar viajando?

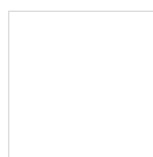
São, São Paulo, meu amor!



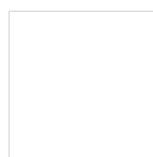
"O Salar de Uyuni não pode ser um novo Cerro Rico"



Três anos na trilha



Turismo Comunitário no Atacama: Ayllu de Coyo



Quatro anos pelo mundo

Linkwithin

Postado por Nativos do Mundo às 00:55



Marcadores: [Brasil](#), [Estrada Real](#), [São Paulo](#), [Turismo Cultural](#), [Turismo Sustentável](#)

Local: [Tamandaré, Guaratinguetá - SP, Brasil](#)



Nativos do Mundo

Um blog sobre viagens sustentáveis e turismo de base comunitária com preocupação com as populações locais. Fugindo do turismo predatório e de massa.

NENHUM COMENTÁRIO:**POSTAR UM COMENTÁRIO**

Digite seu comentário...

Comentar como:

Selecionar perf ▼

Publicar

Visualizar

[Postagem mais recente](#)

[Página inicial](#)

[Postagem mais antiga](#)

Assinar: [Postar comentários \(Atom\)](#)

FAÇA SUA RESERVA

Descanse! Relaxe! Respire!

Você merece férias

Reservar agora

Tema Simples. Tecnologia do [Blogger](#).